

## **A tradução cultural na literatura latino-americana**

**Resumo:** Neste artigo, a partir de noções elaboradas por Antonio Candido, Ángel Rama e Antonio Cornejo Polar, compreende-se a literatura latino-americana como constitutivamente heterogênea, formada por âmbitos culturais distintos e línguas diversas, em comunicação e tensão constante, em que a tradução se revela como um processo chave para entender suas especificidades. Nesse sentido, é apontado o exemplo de escritores, como Guamán Poma de Ayala e José María Arguedas, que evidenciam em suas obras os processos de tradução cultural desenvolvidos no interior da literatura latino-americana.

**Palavras chave:** literatura latino-americana, heterogeneidade, tradução cultural.

**Abstract:** In this article, according to concepts elaborated by Antonio Candido, Angel Rama and Antonio Cornejo Polar, we understand the Latin American Literature as a constitutively heterogeneous, composed by different cultural spheres and languages, in communication and constant strain, in which the translation appears as a key process to understand its particularity. Thus, it is pointed out the example of writers like Guaman Poma de Ayala and Jose Maria Arguedas, who present in their works the cultural translation processes developed in the Latin American literature.

**Keywords:** Latin American literature, heterogeneity, cultural translation.

Neste artigo gostaria me aproximar aos poucos, com algumas ideias básicas, a um tema muito amplo que centra minhas pesquisas atuais: a tradução como prática na qual podem compreender-se algumas especificidades da literatura latino-americana.

Para isso, gostaria de tomar como ponto de partida as contribuições de três grandes críticos desta literatura: Antonio Candido, Ángel Rama e Antonio Cornejo Polar. Estes três pensadores fundaram a moderna crítica literária latino-americana durante os anos sessenta, setenta e oitenta. Em 1980, no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas, organizou-se uma reunião de pesquisa

onde os três participaram junto com outros estudiosos. Em palavras de Beatriz Sarlo, que dedicou o número 8 da sua revista *Punto de Vista* ao encontro, foram discutidas nele “las dificultades expuestas por el corpus de la literatura latino-americana a una crítica que se esfuerza por pensar tanto la heterogeneidad como la unidad de textos, funciones y tradiciones culturales” (SARLO, 1980, p. 4). A renovação crítica que se dá nesse momento funda-se neste paradoxo, pensar a literatura latino-americana como uma unidade na diversidade de ‘textos, funções e tradições culturais’, entendendo-a como um processo dinâmico.

Uma das contribuições fundamentais de Antonio Candido no evento foi a firmação do conceito de sistema literário. Mas neste artigo quero retomar uma ideia mais geral que ele expressou em referência à Antropofagia no artigo “Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade”. Nele, Candido integra o movimento antropofágico dentro de uma corrente constante na literatura brasileira constituída pela reflexão sobre o choque de culturas:

É difícil dizer no que consiste exatamente a Antropofagia, que Oswald nunca formulou, embora tenha deixado elementos suficientes para vermos embaixo dos aforismos alguns princípios virtuais, que a integram numa linha constante da literatura brasileira desde a Colônia: a descrição do choque de culturas, sistematizada pela primeira vez nos poemas de Basílio da Gama e Santa Rita Durão. O Modernismo deu seu cunho próprio a este tema, que de certo modo se bifurcou num galho ornamental, grandiloquente e patrioteiro com o Verde-amarelismo e todas as perversões nacionalistas decorrentes; e num galho crítico, sarcástico e irreverente, cuja expressão maior foi a Antropofagia (englobando *Macunaima*). [...] Ele e Mário (mas não Bopp, que entrou por outro filão) exploraram com originalidade o tema básico do encontro cultural, manipulando o primitivismo de maneiras diferentes. (CANDIDO, 1995, p. 99-100)

Esse tema básico do encontro entre culturas diversas encontra-se também na literatura latino-americana, e faz da tradução um dos procedimentos essenciais. A formulação da Antropofagia a que se referia Candido mostra a centralidade do processo de tradução, ao situar a ‘devoração’ como forma de se relacionar com o estrangeiro e a modernidade. Esta devoração simbólica, ingestão e digestão do forâneo, constitui uma operação de assimilação crítica da diferença, que integra a tradução no cerne de seus processos criativos, como evidencia o ‘grito de guerra’ dos Antropófagos: “Tupi or not tupi, that is the question”. Este lema constitui a reivindicação do livre exercício da citação e mon-

tagem de fontes alheias como fonte de criação e conhecimento, e inaugura a analogia entre a devoração canibal e os processos de produção, circulação e apropriação cultural (JAUREGUI, 2008, p. 39).

Mas as relações que estabelecem os antropófagos não só se realizam em direção ao exterior; o impulso por traduzir e apreender culturas diversas refere-se também às diferentes expressões culturais do Brasil: “A antropofagia identifica o conflito existente entre o Brasil caraíba, verdadeiro, e o outro que só traz o nome. Porque no Brasil é preciso distinguir a elite, europeia, do povo, brasileiro. Ficamos com este, contra aquela” (*Revista de Antropofagia*, 2, nº 2). Entre os modernistas surge o interesse por captar um universo cultural que até esse momento tinha sido rejeitado, com referências na *Revista de Antropofagia* ao padre Cícero, Lampião, Piolim, o sambista Sinhô, e a recriação do universo popular tanto nos poemas de Jorge de Lima e Raul Bopp, como nos desenhos de Tarsila, Pagu, Di Cavalcanti ou Cícero Dias.

Desta maneira a Antropofagia enuncia de maneira afirmativa e emblemática o tropo do canibalismo como senha de identidade. Assim, a identidade brasileira se define não como essência, mas como um conceito relacional: no diálogo com a diferença, no gesto antropofágico, se define a identidade, como operação de apropriação criativa de bens culturais distintos, que reivindica uma iniciativa e compreensão de abaixo, e ao mesmo tempo uma distância, uma posição crítica e irreverente. Trata-se, como assinalou Haroldo de Campos, de um “nacionalismo modal, diferencial” (1992, p. 236). De forma excepcional nos anos trinta (em que os nacionalismos caminhavam perigosamente perto do fascismo), a Antropofagia situa a tradução cultural como a oportunidade de uma identidade dinâmica e compreensiva que, frente às diversas formas de imposição e dependência cultural, busca instituir novas relações de poder, em que as interações entre expressões culturais diversas não sigam uma única direção vertical, mas que se configurem em múltiplas trajetórias.

Por isso, apesar da caducidade de algumas formas vanguardistas, a Antropofagia continua sendo nossa contemporânea e é recuperada por alguns teóricos da tradução, como Haroldo e Augusto de Campos, Else Vieira ou Dora Sales, como perspectiva tradutória que, consciente dos fenômenos e pressões da colonização, que provoca a tensão e relação desigual de sistemas linguísticos e culturais, enfatiza a iniciativa ‘devoradora’ do tradutor e o processo de interação mútua, criação e compreensão intercultural que se produz na tradução (CHAUME; GARCÍA, 2010, p. 76-78).

A professora Dora Sales concebe a tradução vinculada ao conceito de transculturação que também procede da teoria literária latino-americana. Foi proposto nos anos setenta pelo crítico uruguaio Ángel Rama, que o tomou do antropólogo cubano Fernando Ortiz e o reformulou para a literatura na sua obra *La transculturación narrativa en América Latina*. Para Rama a transculturação narrativa quer dar conta do processo de incorporação e transformação de elementos culturais regionais e populares dentro de formas narrativas modernas, na tensão interna das sociedades latino-americanas entre regionalismo e modernização.

No seu livro, Rama assinala a transformação que sofrem as formas literárias regionalistas ao enfrentar-se com as inovações introduzidas pela narrativa urbana a partir da década de trinta. Para este crítico, neste momento o regionalismo expressa o conflito entre duas forças culturais diferentes, isto é, entre as sociedades regionais que procuram preservar seu conjunto de valores e tradições locais e a modernização imposta a partir das cidades. Rama procura entender este choque e as formas narrativas que produz a partir do conceito antropológico de transculturação enunciado por Fernando Ortiz: segundo ele o contato cultural não é passivo nem é efetuado em uma única direção, mas é dinâmico e no processo se produzem destruições, reafirmações e aquisições dos elementos em contato. Assim, os escritores que segundo Rama realizam este movimento transculturador são capazes de integrar, na sua obra literária, tanto a tradição como as novidades. No entanto, este processo não se reduz à simples síntese: os escritores transculturadores “não se limitam a um sincretismo por mera conjugação de contribuições de uma e outra cultura, mas compreendem que, sendo cada uma delas uma estrutura, a incorporação de novos elementos de procedência externa deve ser obtida mediante uma rearticulação total da estrutura cultural própria (regional), apelando para novas focalizações dentro de sua herança” (RAMA, 2001, p. 215). Segundo Rama, este movimento transculturador encontra-se no processo criativo dos grandes romances latino-americanos de Gabriel García Márquez, Juan Rulfo, José María Arguedas, Augusto Roa Bastos e João Guimarães Rosa. Frente à diversidade linguística da América Latina estes autores optariam “pelo reconhecimento da necessidade de uma língua literária, específica da criação artística, que desenvolvesse um discurso linguístico homologante, no qual se pode perceber a absorção de um traço da modernidade” (RAMA, 2001, p. 219).

A consideração do material popular é uma das características fundamentais destes narradores:

Ter reconhecido a existência e a importância desse material é uma das particularidades desses escritores que testemunham seu processo de enraizamento nas culturas internas, voltadas para suas origens e substâncias da América Latina, porque só um contato muito estreito com seu funcionamento podia permitir-lhes dar atenção a elementos linguísticos e literários carentes de valorização artística. E ao mesmo tempo, só uma percepção estética renovada que vinha da modernização do continente podia autorizá-los a recompor sobre aqueles elementos um discurso superior que se confirmava e enfrentava os produtos mais hierarquizados de uma literatura universal. (RAMA, 2001, p. 237)

No entanto, da perspectiva crítica atual, que incorpora as contribuições do pós-colonialismo e dos estudos culturais, podem ser feitos alguns questionamentos a esta definição da transculturação, por relegar os elementos populares à falta de iniciativa e ao exotismo. Pois a teoria da transculturação ao integrar o indígena ou o popular em “um discurso superior” e “homologante” em certa maneira anula sua especificidade. Existe na transculturação uma intenção conciliadora que procura assimilar a constitutiva heterogeneidade cultural latino-americana a um corpus literário culto, unitário e homogêneo, que responde aos padrões da modernidade. Deste lugar, o latino-americano pode comparar-se com “os produtos mais hierarquizados de uma literatura universal”. Alberto Moreiras avalia a transculturação sublinhando precisamente isto: “É um modelo produtivo, mas é também um modelo que deve funcionar e mesmo se alimentar da rasura sistemática do que não cabe nele” (2001, p. 234).

A formulação da transculturação tem que ver com as necessidades políticas dos intelectuais dos anos setenta. Seu projeto cultural consistia na construção de um espaço identitário de resistência capaz de se opor à influência cultural norte-americana e a partir do qual poder integrar-se no processo modernizador sem perder a própria especificidade. No entanto, este projeto estava marcado por um conceito de integração nacional que tentava apagar os conflitos internos, a hegemonia dos intelectuais urbanos e a confiança na ideologia do desenvolvimento.

Todas estas ideias foram continuamente repensadas por Rama. Na última entrevista que ele deu antes da sua prematura morte em 1983, assinala a importância do fenômeno da plasticidade cultural, em termos próximos à Antropofagia brasileira:

Yo creo que es una hazaña de los pueblos del Tercer Mundo, la capacidad que tienen para transformar todo esto. Yo alguna vez dije que la operación que hacía Borges con la información universal para elaborar sus cuentos – vale

decir la manera en que él cita cosas reales, soñadas o inventadas; la manera en que él maneja la bibliografía y hace con ella cualquier cosa, transformándola en cuentos - era una operación de *bricolage*, [...] es lo que hace un indígena peruano al cual le traen las tijeras, que son para cortar, y las transforma en instrumento de música. Toda la música peruana india está hecha con instrumentos españoles, pero con ellos los indígenas han hecho otra cosa. Ese es el fenómeno de creatividad que me parece importante. La idea de esconderse y ponerse rígido dentro de las tradiciones no sirve de nada. El problema es esa plasticidad, esa capacidad para responder al desafío que presentan todos esos materiales y hacer con ellos una cosa nueva. (RAMA, In: DÍAZ, 1991, p. 29)

E a transculturação continua irradiando pensamento crítico. Assim, esta noção ressignificada nos anos setenta pela crítica literária de Ángel Rama, ganha atualidade no *Manifesto transculturale*, lançado em Roma em maio de 2011 pelo professor italiano Armando Gnisci, publicado em numerosos meios digitais, e no Brasil traduzido para o português por Patricia Peterle. Frente ao desgaste das noções de multiculturalismo e interculturalidade, Gnisci propõe explicitamente a recuperação do pensamento latino-americano como modelo e projeto:

A Transculturação ajuda a reconhecer como evidente a história particular de cada cultura para hibridizar com outras culturas e gerar novas formas “crioulas” e imprevisíveis. Assim como nos ensinaram Fernando Ortiz, Oswald de Andrade, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Édouard Glissant, Walter Mignolo, Roberto Fernández Retamar, Eduardo Galeano, Sub-comandante Marcos, Leonardo Boff e tantos outros. O pensamento e a práxis transculturais indicam que isto acontece na mutualidade da troca e na transformação imprevisível, além da violência e do comando. Seguindo o pensamento latino-americano, queremos nos propor como aqueles que respondem pela parte europeia, em contraponto e em relação. Nós identificamos e articulamos o projeto da Transculturação em três movimentos, não tanto sucessivos, mas contemporâneos e coevolutivos: Descolonização, Crioulização e Mundialização, todas mútuas. (GNISCI, 2011, s/p)

Finalmente, a contribuição de Antonio Cornejo Polar para os estudos literários latino-americanos também está vinculada aos fenômenos de interação cultural no seio da literatura. Ele pensou questões vinculadas ao processo literário no Peru e a escritores como Garcilaso de la Vega Inca e, sobretudo, José María Arguedas. A noção crucial para Cornejo Polar é heterogeneidade, que para ele caracteriza a literatura latino-americana:

[...] uma literatura que somente se reconhece em sua radical e insolúvel heterogeneidade, como construção de vários sujeitos social e etnicamente dissímeis e confrontados, de racionalidades e imaginários distintos e inclusive incompatíveis, de linguagens várias e díspares em sua mesma base material, e tudo no interior de uma história densa, em cuja espessura acumulam-se e desordenam-se vários tempos e muitas memórias. (CORNEJO POLAR, 2000, p. 296)

Esta definição nos leva à necessidade de ampliar o conceito de literatura, que até pouco tempo atrás só atendia às produções ‘cultas’ em língua europeia. “¿Qué pasa con las literaturas orales de América Latina?”, perguntava-se Antonio Cornejo Polar numa entrevista realizada por Beatriz Sarlo, junto a Ángel Rama, durante o encontro em Campinas. E constatava: “Han sido doblemente negadas: por un lado, con frecuencia, se las niega como literatura, a partir de un concepto de literatura culta que supone la escritura; y, por otra parte, se les niega la categoría de literatura nacional o latino-americana, puesto que no las incorporamos al conjunto de los textos” (CORNEJO POLAR, In: SARLO, 1980, p. 10). Estas afirmações envolvem a necessidade de um novo paradigma crítico para pensar a produção literária de América Latina que seja capaz de articular a tradição literária europeia com as formas autóctones nas suas diversas manifestações. No artigo “Unidade, pluralidade, totalidade: o corpus da literatura latino-americana”, Antonio Cornejo Polar assinalava:

A necessidade de repensar e reformular o corpus da literatura latino-americana deriva da certeza de que sua delimitação atual obedece, em última instância, a uma visão oligárquico-burguesa da literatura, visão que foi transmutada em base crítica quase axiomática, mediante operações ideológicas que só recentemente são discerníveis como tais. Deriva também da convicção de que o desenvolvimento real das contradições sociais na América Latina permite ensaiar outras alternativas que se vinculem aos interesses e à cultura populares. (2000, p. 25)

Para Cornejo Polar a tensão entre as esferas oral e escrita, entre criadores, públicos e setores de circulação distintos, entre funções e instituições literárias diversas, e, em última instância, entre imaginários e formas de expressar o mundo dissímeis, corresponde, no seio do processo literário, às fortes tensões sociais e históricas que caracterizam as sociedades profundamente desiguais da América Latina. Trata-se do

[...] conflito implícito numa literatura produzida por sociedades internamente heterogêneas, inclusive multinacionais dentro dos limites de cada país, ainda marcadas por um processo de conquista e uma dominação colonial e neocolonial que apenas uma vez, em Cuba, se pôde romper de maneira definitiva. Uma literatura produzida por sociedades assim constituídas não pode deixar de refletir e/ou reproduzir os múltiplos níveis de um conflito que impregna a totalidade de sua estrutura e sua dinâmica. (CORNEJO POLAR, 2000, p. 21)

Nesta perspectiva, as concepções da tradução que salientam a questão do poder no âmbito cultural podem ser produtivas para a reflexão sobre a literatura latino-americana. Entre elas destacam as considerações de Gayatri Chakravorty Spivak, que vincula a tradução em um contexto pós-colonial a um imperativo ético, situado num limiar de impossibilidade:

A tradução é, portanto, não somente necessária, mas inevitável. Entretanto, na medida em que o texto guarda seus segredos, ela se torna impossível. A tarefa ética nunca é realizada de fato [...]

Fetichizar a língua aborígene não faz desaparecer essa tarefa fundadora da tradução. Às vezes leio e ouço que o subalterno pode falar em suas línguas nativas. Eu gostaria de poder ter essa autoconfiança tão firme e inabalável que têm o intelectual, o crítico literário e o historiador que, aliás, afirmam isso em inglês. Nenhuma fala é fala enquanto não é ouvida. É esse ato de ouvir-para-responder que se pode chamar de o imperativo para traduzir.

Frequentemente confundimos isso com ajudar pessoas em dificuldade, ou com pressionar pessoas para que aprovelem boas leis, até mesmo para que insistam, em nome de outra, que a lei seja implementada. Mas a tradução fundadora entre as pessoas é um ouvir atentamente, com afeto e paciência, a partir da normalidade do outro, o suficiente para perceber que o outro, silenciosamente, já fez esse esforço. (SPIVAK, 2005, p. 58)

A referência à crítica pós-colonial para pensar a literatura latino-americana se sustenta na persistência, após dois séculos da independência, de condições sociais e culturais de dominação, como apontava Antonio Cornejo Polar. É o que o sociólogo peruano Aníbal Quijano define com o termo colonialidade: um específico padrão de poder caracterizado pela “relación jerarquizada y de desigualdad entre tales identidades ‘europeas’ y ‘no europeas’ y de dominación de aquellas sobre estas, en cada instancia del poder, económica, social, cultural, intersubjetiva, política” (QUIJANO, 2000, p. 140).



As considerações da centralidade do encontro cultural na literatura latino-americana, assinalada por Antonio Candido, e das relações de interação cultural que fundamentam a noção de transculturação de Ángel Rama, juntamente com as implicações literárias da heterogeneidade constitutiva das sociedades latino-americanas, salientadas por Antonio Cornejo Polar, levam a apreciar a tradução como procedimento heurístico para compreender esta literatura.

Dentro da literatura latino-americana encontramos expressões literárias que evidenciam na sua constituição formal a tensão entre âmbitos culturais diversos e que respondem a uma vontade de diálogo e intercâmbio. Para estas obras a noção de tradução cultural é básica. Estas obras implicam a compreensão e re-escritura de elementos culturais distintos e também, em muitas ocasiões, a passagem de uma língua para outra. Estas expressões literárias, que não constituem a totalidade da literatura latino-americana, mas uma parte significativa, são aquelas que se implicam no diálogo cultural e linguístico, e tentam responder às tensões provocadas pela condição colonial, numa dinâmica de intercâmbios e reescrita de matriz tradutória. Desta maneira, a tradução pode ser entendida como um fazer, uma prática, assumida em diversos graus na literatura latino-americana e que explica algumas das suas especificidades.

Na região andina, os exemplos são abundantes. Paradigmático é o caso de Waman Puma, tradutor de profissão a serviço das autoridades coloniais do século XVII, que escreve uma longa carta ao rei espanhol Felipe III, a *Nueva corónica y buen gobierno*, relatando os desastres da conquista. Nesse documento extraordinário, as aproximações e relutâncias entre as culturas andina e ocidental são muito marcadas, do ponto de vista histórico (a concepção do tempo), cultural (a organização da vida, da religião, do espaço), linguístico (Waman transforma o espanhol num idioma híbrido, com frequentes interpolações do quíchua e fragmentos extensos sem tradução) e formal (o autor utiliza o gênero hispânico da *crónica*, mas interfere nele impondo a preeminência da imagem sobre a letra).

As obras de José María Arguedas e de Gamaliel Churata mostram também a importância destes procedimentos. Fora da área andina, Juan Rulfo, Rosario Castellanos, Wilson Bueno ou Augusto Roa Bastos poderiam ser estudados sob esta perspectiva.

O estudo da tradução cultural na literatura latino-americana teria pois, como objeto de pesquisa, aquelas construções literárias que tentam recriar e traduzir as práticas do outro-próximo latino-americano, e onde podem ser observadas atitudes diversas, desde a motivação ideo-

lógica a que responde a imagem da alteridade, ou a apreensão exotista de sua linguagem e costumes, até a procura no limiar da impossibilidade de uma aproximação receptiva. É nestas últimas produções onde a heterogeneidade constitutiva da cultura latino-americana põe à prova a língua, no sentido apontado por Walter Benjamin, e o esforço da tradução cultural permite, como assinala Homi Bhabha, que o novo entre no mundo:

Se hibridismo é heresia, blasfemar é sonhar. Sonhar não com o passado ou o presente, e nem com o presente contínuo; não é o sonho nostálgico da tradição nem o sonho utópico do progresso moderno; é o sonho da tradução, como *sur-vivre*, como “sobrevivência”, como Derrida traduz o “tempo” do conceito benjaminiano da sobrevivência da tradução, o ato de viver nas fronteiras. Rushdie traduz isto como o sonho de sobrevivência do migrante: um interstício *iniciatório*; uma condição de hibridismo que confere poder; uma emergência que transforma o “retorno” em reinscrição ou redescrição; uma iteração que não é tardia, mas irônica e insurgente. Isto porque a sobrevivência do migrante depende, como afirma Rushdie, da descoberta de “como o novo entra no mundo”. (BHABHA, 1998, p. 311)

## Referências

- BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Trad. Susana Kampff Lages. In: HEIDERMANN, Werner (org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Volume 1. Alemão-Português. Florianópolis: UFSC, 2010.
- BHABHA, Homi K. Como o novo entra no mundo. O espaço pós-moderno, os tempos pós-coloniais e as provocações da tradução cultural. In: *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláudia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CAMPOS, Haroldo. Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira. In: *Metalinguagem & outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CANDIDO, Antonio. Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- CHAUME, Frederic; GARCÍA, Cristina. *Teories actuals de la traductologia*. Alzira: Bromera, 2010.
- CORNEJO POLAR, Antonio. *O condor voa. Literatura e cultura latino-americanas*. Trad. Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- DÍAZ CABALLERO, Jesús. *Ángel Rama o la crítica de la transculturación* (última entrevista). Lima: Lluvia Editora, 1991.
- GNISCI, Armando. Manifesto transculturale. Trad. Patricia Peterle. Disponível em: <http://armandognisci.homestead.com/manifeso.html>, acesso em 18 de mar. 2012.

- JAUREGUI, Carlos A. *Canibalia. Canibalismo, calibanismo, antropofagia cultural y consumo en América Latina*. Madrid; Frankfurt am Main: Iberoamericana; Vervuert, 2008.
- MOREIRAS, Alberto. O fim do realismo mágico. O significante apaixonado de José María Arguedas. In: *A exaustão da diferença. A política dos estudos culturais latino-americanos*. Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláudia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina. In: *Dispositio/n*. Ann Arbor, Michigan, v. 24, n. 51, p. 137-148, 2000.
- RAMA, Ángel. Os processos de transculturação na narrativa latino-americana. In: AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (orgs.). *Ángel Rama. Literatura e cultura na América Latina*. Trad. Rachel La Corte dos Santos e Elza Gasparotto. São Paulo: Edusp: 2001.
- Revista de Antropofagia*, 2, nº 2. São Paulo: Metal Leve, 1976.
- SARLO, Beatriz. La literatura de América Latina. Unidad y conflicto. In: *Punto de vista. Revista de cultura*. Buenos Aires, ano 3, n. 8, p. 3-4, 1980.
- \_\_\_\_\_. Ángel Rama y Antonio Cornejo Polar: tradición y ruptura en América Latina. *Punto de vista. Revista de cultura*. Buenos Aires, ano 3, n. 8, p. 10-14, 1980.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Tradução como cultura. Trad. Eliana Ávila e Liane Schneider. In: *Ilha do desterro*. Florianópolis, n. 48, p. 41-64, jan./jun. 2005.

